

# A DANÇA:

uma  
expressão  
litúrgica das  
religiões   
afro-brasileiras



Um dos fundamentos em torno do quais se estruturam as crenças do povo-de-santo é a compreensão de que, no universo, tudo está em perene movimento. E nesta dança do universo, há uma interrelação de ritmos que unem tudo num todo maior. Assim, o pulsar do coração, as ondas do mar, a respiração dos animais, tudo isso é ritmado. Um outro fundamento é compreender o corpo como espaço através do

Ruydo  
Carmo  
Povoas\*

\*Coordenador do KAwé  
Condensado de *Da senzala ao terreiro: dançar para o ritual, dançar o mundo, dançar a vida*, apresentado no Fórum Internacional dos Direitos do Homem e Diversidade Humana, Salvador, Bahia, SECNEB, novembro, 1998.

\*As ilustrações constantes neste artigo são de Karibé, extraídas de *Iconografia dos Deuses Africanos na Bahia*.

qual a Vida se manifesta. Então o corpo é concebido como elemento estrutural e estruturante de um sistema. Com a mente e o espírito, o corpo dá forma à manifestação do Criador na criatura.

É o corpo o veículo de configuração dos outros elementos da estrutura humana. Por si mesmo, ele é também uma estrutura articulada. Seu limite exterior é a pele. Ela demarca a fronteira entre a pessoa e o outro. Por isso ela percebe, respira. Sob ela, a musculatura e mais abaixo, o esqueleto que propicia a locomoção e o deslocamento da estrutura inteira. É por isso que os falantes do interior afirmam que dançar é balançar o esqueleto. Mas a dança propriamente dita, no candomblé, não se resume apenas no balançar do esqueleto. O ritmo imprimido ao conjunto, num jogo de harmonia, faz o corpo sintonizar-se, centrar-se em si mesmo e, com isso, entrar em contato com as correntes de energia do universo. É nisso que o povo-de-santo crê. Dançar, para essa comunidade, é uma forma de entrar em contato com o divino. E mais ainda: é dançando que se reza e que se agradece ao divino pelo dom maior dele recebido: a vida.

Não se trata de um conjunto de gestos aleatórios, nem tampouco movimentar o corpo apenas para passar o tempo, distrair-se. Ao contrário, há uma exigência de consciência do contato do corpo com as forças da Natureza, os elementos básicos constitutivos e constituintes: Fogo, Terra, Água e Ar. A dança, portanto, no candomblé, tem uma função: propiciar leveza ao

ato de *re-ligar* a criatura com as forças criadoras. Dança-se para o Fogo, antes de se dançar para a Água, pois a água apaga o fogo. E como esses elementos são configurados em divindades denominadas orixás, é para os orixás que o povo-de-santo dança.

Assim, dançar para Obaluaíê é dançar a Terra, a segurança, a sensação do corpo que, mesmo vivo, veio da Terra e a ela será devolvido, um dia. Dançar para Oxun é dançar a Água, em sua manifestação de rio, cachoeira e fonte. É dançar o sentimento, a emoção, o prazer de existir na fluidez aquosa do amar, do apaixonar-se, do querer bem, do chorar de emoção, do prazer do contato com as flores, a música, a luz, o perfume. Dançar para Oxalá é dançar para o Ar, que penetra em tudo e em todos indistintamente. Por isso, a dança para esse orixá é a dança da Paz, do Amor universal, da fraternidade, da união. A dança de Oxalá ocorre sob um imenso lençol branco que simboliza as nuvens suspensas acima da cabeça daqueles que dançam unidos no terreiro.

A gestualidade, o movimento do corpo, as circunvoluções, nada disso é gratuito ou fora de sentido. Ao contrário, tudo conflui para a formação de um sentido mais amplo, pois os adeptos, enquanto dançam, dançam uma história movimentada que repete os mitos da criação. Assim, a dança de Iemanjá re-



produz o movimento das ondas, bem como narra a história de como esse orixá libertou-se da tirania de Alafin que a constituiu como esposa-escrava. Ela guardava um segredo, presente de Olokun, seu pai, que é o oceano: um pote que, se fosse quebrado, traria o oceano até onde Iemanjá estivesse. Ela guardou esse trunfo em segredo e, um dia, diante de uma perseguição fatal de Alafin, ela quebrou o pote. E tal qual acontece no mito da passagem do Mar Vermelho, o mar se fechou sobre o exército de Alafin, afogando a tirania. Dança-se, então, para Iemanjá, com o corpo eliminando a tirania, tanto a que existe sobre o indivíduo, quanto a que existe so-

bre o grupo. Mas isso são coisas aprendidas nas madrugadas em que os mais velhos ensinam aos mais moços que se revelam dignos de serem portadores deste saber. Mesmo, o povo de terreiro faz questão de salvaguardar seu conhecimento aos olhos dos curiosos. Por isso, nas festas públicas, tudo é tomado pelo visitante como apenas um momento de diversão em que pessoas dançam e dançam e dançam. É somente isso que é mostrado. Do resto, apenas eles, os fiéis, sabem.

Uma outra coisa a considerar é que a dança para o orixá estabelece uma relação de lealdade entre o fiel e sua divindade. Apesar de que o fiel pode e deve dançar para qualquer orixá, ele consagra sua dança, para o resto de sua vida, ao orixá de sua cabeça. Ele não pode e não deve assistir sentado a dança para o seu orixá. Há uma exigência ética de que ele vá para a roda e participe, com o seu corpo, do mesmo movimento articulado em harmonia, numa louvação àquela divindade que é sua, enquanto indivíduo, mas ao mesmo tempo é de todos porque ele é um ser social. E para o povo do candomblé, uma pessoa só não chega a lugar algum, tendo em vista que essa comunidade é calcada em valores comunais. Para eles, viver não é um ato solitário e sim, solidário. Por isso, juntar-se aos que dançam em louvor aos mesmos princípios é coisa fundamental.

É dançando que o povo-de-santo narra seus mitos, sua história e preserva a memória que não está escrita em livros, pois para eles tudo se centra no que se diz, no que sabe, no que se sente. É uma das maiores

e sofisticadas formas de expressão do dizer, do pensar e do sentir é externalizada pela dança. Dançar é tratar-se, é curar-se, é entrar em contato consigo mesmo, com sua ancestralidade, com suas forças criadoras. Mas aprender isso exige a permanência do indivíduo ligado ao grupo, pois a aprendizagem é comunal, assim como o Fogo, a Terra, a Água e o Ar são energias do universo criadoras e renovadoras de qualquer e de todas as criaturas.

